

Subjetividade, transformação e felicidade em narrativas de viagens contemporâneas de blogs de turismo

(Avanço de investigação em curso)

GT 26 - Sociología del cuerpo y de las emociones

Caroline de Brito Santos¹

RESUMO

Neste trabalho investigo narrativas de blogs de turismo, debruçando-me sobre relatos de viagens que ocorrem voluntariamente, como um fim em si mesmas. Os blogs ora investigados, marcados pela valorização da experiência pessoal e intransferível, são inseridos na problematização de um individualismo acentuado pelo lugar da experiência. A esses espaços virtuais seria outorgada uma autonomia expressiva, que liberta a narrativa de intermediários e de interesses privados e confere acesso à experiência direta do viajante comum, em contraposição à experiência mediada da agência de viagens. A distância da narrativa dos blogs em relação aos guias e agências de viagens estaria situada não apenas na experiência direta que produz discursos autênticos, mas também na introdução da dimensão afetiva, tendo em vista que a subjetividade do viajante se faz patente nos relatos e torna as impressões e emoções vivenciadas pelo autor “acessíveis”, embora apenas precariamente através do texto e da imaginação, a outros potenciais aventureiros.

Palavras-chave: blogs de viagem, experiência, subjetividade

Introdução

A história dos povos está atravessada pelos deslocamentos. Viagens de exploradores, missionários, peregrinos, nômades, mercadores, antropólogos, historiadores, cientistas, turistas, são inúmeras as razões e as motivações pelas quais grupos e indivíduos se põem em marcha. Diversas dessas viagens geraram registros, escritos ou imagéticos, e souvenirs que contam histórias. A viagem é um ingrediente fértil para narrativas, ficcionais ou biográficas. A descoberta do novo, o perigo, a aventura, a experiência inusitada conferem um poder metafórico à viagem e a capacidade de significar transcendência. Como deslocamento que se dá no espaço, desde há muito que a viagem presta-se com condescendência a servir de metáfora para a vida, para o pensamento, e para os distanciamentos temporais que produzimos em nossa imaginação. O viajante é aquele que vive a experiência da descoberta e do encontro com a alteridade, que o leva a percursos imaginativos sobre si e sobre o outro.

Clifford (2000) entende que os estudos das narrativas de viagens privilegiam a perspectiva do viajante burguês que produziu literatura de viagem e propõe uma revisão da noção de viajante para dar espaço a outras possibilidades narrativas. Para o autor, o termo viagem pressupõe, em uma acepção moderna, certo grau de liberdade e autonomia. Muitas viagens, no entanto, são coagidas e a condição de “viajante” não é alcançada. O viajante estaria associado a privilégios de classe, gênero e raça. Como exemplo, Clifford (2000, p. 66) menciona os criados que acompanhavam os viajantes burgueses vitorianos e que jamais atingiram o *status* de viajantes. Além disso, a suposta liberdade implicada na aventura do viajante burguês deve ser relativizada, na medida em que tal liberdade e autonomia são

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, PPGSA / IFCS / UFRJ

construídas com base em toda uma infra-estrutura de apoio que cerca o viajante e que, no entanto, permanece esquecida.

Nesta pesquisa, investigo os discursos e narrativas de viajantes contemporâneos que produzem registros de suas experiências pelo mundo em suas páginas virtuais (blogs). Interessam-me os modos de pensar e de representar essas jornadas através da experiência da escrita. Em alguma medida, estes blogueiros não estão tão distantes do viajante burguês de Clifford, na medida em que detêm uma posição privilegiada que lhes permite viajar e se identificar sob a condição de viajantes. Por outro lado, a liberdade e a autonomia desse viajante, que se insere no contexto do turismo moderno, é frequentemente questionada, mais do que a do viajante vitoriano, embora novamente não porque o sujeito seja compelido ao deslocamento, mas porque sua experiência seria mediada por todo o aparato de serviços desenvolvidos para oferecer suporte ao turista, que, supõe-se, de outro modo, não sairia de casa. Tais serviços permitiriam apenas uma experiência restrita e superficial da alteridade, privando o viajante da descoberta e da aventura. Esta é a já desgastada discussão instigada por Boorstin (1992) acerca da dicotomia entre viajantes e turistas, uma oposição que encontra equivalência no transcurso do tempo, sob a forma de um passado romântico *versus* um presente moderno. Diversos antropólogos dedicaram-se à desconstrução dessa dicotomia, mas interessa-me retomá-la neste trabalho não para um debate teórico acerca do estatuto do autêntico na experiência turística contemporânea, mas porque esta oposição apontada por Boorstin já então povoava o senso comum da época e é motivo de reflexão e frequente crítica e autocensura do turista em torno do seu modo de produzir viagens. Trabalhos como o de Van den Berghe (1994) demonstram a resistência dos sujeitos em se autoidentificarem, de modo imediato, como turistas. É comum que prefiram situar-se sob a categoria de viajante, muito embora, na pesquisa de Van den Berghe, ao serem questionados pelo antropólogo acerca da possibilidade de participarem de uma pesquisa direcionada a turistas, a resistência inicial fosse geralmente quebrada. Em tal contexto, o sentido pejorativo do termo é suspenso, restando uma concepção puramente técnica, que se fundamenta no deslocamento voluntário e temporário do local de residência com propósito de lazer.

O turista que, ao narrar seus périplos, tem de se debruçar em um processo reflexivo sobre o seu fazer pelo mundo e construir-se enquanto sujeito no espaço público do blog, acaba, por vezes, lidando com essas categorias. E é nesse sentido que retomo a discussão sobre turistas e viajantes, para pensar como, nos meios virtuais, os blogueiros que escrevem sobre suas viagens buscam superar essa oposição deslocando o lugar do autêntico para o âmbito de uma subjetividade que não se pode alcançar ou alienar. Embora seja comum o uso de serviços turísticos, inclusive, o de agências de viagens, o turista não se percebe como um sujeito agenciado, mas como um sujeito dotado ele mesmo de agência. Para adentrar essa discussão, no entanto, é preciso compreender alguns aspectos que dizem respeito à percepção dos blogueiros sobre o meio em que suas narrativas são veiculadas, qual seja, o blog.

Blogs, sinceridade e agência

As narrativas que investigo centram-se nos ciclos de viagens de sujeitos que se dizem amantes do viajar, e cujos périplos são realizados voluntariamente, por prazer. Não se tratam de deslocamentos forçados, ou de viagens ocasionadas em decorrência de obrigações laborais, mas de viagens tomadas pelos próprios blogueiros por turísticas.

O blog é um espaço onde pessoas compartilham as experiências de suas vidas viajantes na internet. Em função do vertiginoso crescimento dos blogs na rede desde o seu surgimento, com milhões de pessoas criando suas páginas pessoais em curto espaço de tempo, e da gratuidade de diversas plataformas que abrigam essas páginas, o blog é percebido como um espaço acessível, democrático, em

que qualquer cidadão bem disposto e interessado pode se aventurar, lançar sua voz e tentar se fazer ouvir por alguma fatia de mundo. Os próprios blogueiros reproduzem a ideia de que a narrativa dos blogs é aquela do cidadão comum, da experiência particular, doméstica, de vivências e impressões subjetivas. E justamente pelo caráter voluntário e subjetivo dos relatos, eles são percebidos como expressões francas, sinceras e dotadas de uma verdade subjetiva.

Assim, ao darem voz e publicidade ao cidadão comum, os blogs se afirmam como discursos alternativos aos oficiais, aos especializados, aos profissionais. O viajante-blogueiro não é o profissional que produz o guia turístico impresso, tampouco a agência de viagens, que vende roteiros pré-formatados, é alguém que vivenciou uma experiência de viagem e partilha seus relatos com outros potenciais viajantes ou leitores interessados nas narrativas de aventuras alheias.

Apesar do recente movimento de profissionalização dos blogs de viagens, o blog é, antes de mais nada, o espaço do amador. A valorização do discurso do amador ocorre justamente porque os blogs teriam um ingrediente tomado como suspeito na informação mediada por especialistas ou por interesses econômicos, a sinceridade. O blog é, nesse sentido, o espaço da opinião livre, desimpedida, cujo compromisso é apenas com o leitor. Neste sentido, a blogueira do *Eu mundo afora*² destaca a experiência direta como atributo diferencial do blog em relação aos filtros interessados da informação mediada.

Mas porque a consulta a blogs e redes de viajantes é cada vez maior? Simples. As pessoas que estão por trás dessas mídias são... pessoas. Elas são reais, feitas de carne, osso, foto e perfil. Não são como sites que defendem uma marca. Também não são agências de turismo que querem vender um destino para obter uma parcela de lucro. A maior parte dos blogueiros começou por paixão, pelo simples desejo de compartilhar suas experiências. Mesmo quem vive disso (sim, há pessoas que vivem disso) tem autonomia para dar sua opinião e contar o que viu e o que não viu, o que comeu e o que não comeu, o que gostou e o que não gostou. E em um mundo tão impessoal, os internautas estão buscando pessoas reais. E essas pessoas reais, meu caro Watson, somos nós. (,,)

Blog de viagem é um veículo de comunicação que não precisa de relevância jornalística. Os textos não precisam de gancho, entrevistados, aspas ou dados. Podem fazer isso tudo, claro, mas não se resumem a isso. Blogs de viagem precisam mesmo é de contar uma experiência. Blogueiros de viagem podem dar a sua opinião, podem usar adjetivos para falar bem, para falar mal... mas têm de reler o texto mil vezes antes de postar. Blogueiro de viagem tem de deixar claro se o post é pago ou não e se viajaram para o lugar ou se estão falando pela voz de outra pessoa. Os blogs são um campo em construção e os blogueiros podem inventar, testar, apostar em novas tendências... só não podem deixar de ser sinceros e éticos.³

Os blogueiros destacam a experiência direta como atributo diferencial do blog em relação aos filtros interessados da informação mediada. A esses espaços virtuais seria então outorgada uma autonomia expressiva que liberta a narrativa de intermediários e de interesses privados e confere acesso à experiência direta do viajante comum, em contraposição à experiência mediada da agência de

² Disponível em: <<http://www.eumundoafora.blogspot.com.br/>>

³ AFONSO, Ju. Influência dos blogs de viagens. Disponível em: <<http://eumundoafora.blogspot.com.br/>> Acesso em: 20 jun. 2012.

viagens. Gratuita, a narrativa dos blogs transmite a perspectiva do cliente, e não a da empresa; assume o caráter da franqueza, e não o das recomendações pré-fabricadas dos intermediários no negócio turístico.

A ideia de compartilhar os relatos como uma forma de ajudar outros viajantes a organizarem suas próprias viagens é recorrente nesse universo virtual. Isto significa dar autonomia a esses viajantes, permitir-lhes encontrar informações úteis e conhecer antecipadamente diversas alternativas de passeio e atividades no destino, além de precaver-se de percalços desnecessários. Além disso, com a disponibilidade de informações, o viajante tem ainda em mãos a possibilidade de dispensar os roteiros pré-formatados das agências de viagens. Nesta direção, as várias experiências “verdadeiras” contidas nos blogs informariam melhor e mais seguramente, porque de modo mais sincero, e, por conseguinte, mais confiável, do que uma única versão que se apresenta como universal. Várias experiências “verdadeiras” abririam maiores possibilidades e perspectivas, e a oportunidade de criação do eu a partir da confrontação e da afinidade com diversos outros. Elas permitiriam, portanto, a personalização dos roteiros, uma maior consciência do leitor sobre sua própria viagem, em vez da entrega acrítica à visão mercantilista da agência, ainda que este serviço possa continuar a ser utilizado. A narrativa do blog oferece então uma dupla experiência de viagem. A primeira, a trajetória virtual do leitor pelo relato do narrador; a segunda, a viagem real que o leitor pode criar para si mesmo através destes mesmos relatos, uma viagem tão singular quanto aquelas ali encontradas. Está aberta ao leitor a possibilidade de narração de sua própria história. Arnaldo Interata, do *Fatos & Fotos de Viagens*⁴, escreve sobre os pacotes turísticos e a proposta do seu blog no auxílio à construção de viagens personalizadas.

Excursões e pacotes turísticos não personalizáveis significam viagens programadas por um agente, não pelo viajante. São seguras, protegem-no de contratemplos e evitam trabalho. Atendem à razoável gama de padrões entre o econômico e o de luxo. Mas segundo o que foi programado, o turista passivamente aceita todas as condições e segue sua viagem sendo conduzido. Por todo o tempo e destinos. Seus hotéis, restaurantes, passeios, programas, compras e atrações já foram definidos antes da viagem. Tudo segundo o interesse da maioria, para que sejam viáveis fazê-las em grupo. Nestes casos jamais ocorrem as surpresas e as descobertas. Não há imprevistos.

Não nego a validade de cada um viajar do jeito que gosta e pode, mas também não creio que são bons turistas aqueles que tiram uma foto de um monumento sem saber seu significado, que não provam a comida, não frequentam lugares além dos turísticos, não se misturam ao povo e não interagem com ele. Vou além. Um bom viajante não procura apenas descobrir o novo, mas informar-se bem para saber olhar, aprender conhecimentos, compreender o outro, experimentar culturas, respeitar diferenças. Tem sido assim conosco, especialmente em nossas últimas viagens, sobretudo para destinos incomuns. A curiosidade pelo desconhecido, a surpresa da descoberta, o prazer do conhecimento têm sido nossos encantamentos em viagens.

E o prazer da descoberta? E do inesperado? Neste contexto, os textos do **Fatos & Fotos de Viagens** servem para inspirar o leitor a viajar por conta própria, motivá-lo a planejar suas viagens, conhecer destinos menos comuns, pesquisar

⁴ Disponível em: < <http://interata.squarespace.com/> >

e meter-se em situações que só as descobertas por sua própria conta revelam-se em prazeres.⁵

As experiências particulares são amplamente valorizadas nos blogs, e a narrativa dessas experiências singulariza o sujeito e sua trajetória como viajante. A individualidade se constrói por intermédio da subjetividade, pois é o aspecto afetivo da narrativa que humaniza e particulariza a experiência, tornando-a única. Assim, embora alguns blogs se pautem principalmente por dados objetivos do destino, como horários, custos, atrativos, etc., reproduzindo o modelo guia, é, sobretudo, em torno de uma dimensão emotiva, que envolve experiências, impressões, e possibilidades de experimentação do lugar que a experiência da viagem se singulariza e, assim se torna narrável, uma história possível de ser compartilhada no blog, porque jamais vivida por outrem. Os guias, por sua vez, generalistas e impessoais, seriam inertes e puramente instrumentais. A distância da narrativa dos blogs em relação aos guias e agências de viagens estaria então situada não apenas na experiência direta que produz discursos autênticos, mas também na introdução da dimensão afetiva, tendo em vista que é a subjetividade do viajante que faz com que as impressões e emoções vivenciadas “acessíveis” a outros potenciais aventureiros.

Para Lúcia Malla, do *Uma Malla pelo mundo*⁶, o guia reflete apenas mais uma experiência individual, a do sujeito que o construiu. Sua perspectiva, contudo, também se situa nas emoções que cada viagem, situada que é no tempo e no espaço, torna-se única e irreduzível.

As técnicas e atualidades físicas são a riqueza maior de um bom guia de viagem. Entretanto, me fixar num guia fielmente esperando ter as mesmas *emoções* ali descritas sobre um destino é de um vazio existencial para a minha pessoa impressionante. Simplesmente não consigo. O máximo que eu quero são relances de informação, que não comprometam a minha própria construção de sentimentos e opiniões sobre um lugar, que não formem um *bias* na minha cabeça e atuem como um obstáculo às experiências novas que surgirão. Eu simplesmente amo quando formo a minha opinião pessoal de um lugar pelo que vivi lá, e comparo com o que o guia diz e percebo que foi muito diferente do que o que estava escrito ali. E amo quando as pessoas escrevem sobre as percepções delas, compartilham experiências e mostram que há muito mais num destino que o que um guia puntual no tempo diz – nesse sentido, ainda bem que hoje temos milhares de blogs de viagem espalhados pela rede para acumularmos mais e mais opiniões sobre os 5 cantos do planeta. Afinal, guias de viagem indicam, acrescentam até, mas não garantem – ainda bem.

Em minha opinião, não se pode ler um guia de viagem esperando ter no destino escolhido as mesmas experiências que a pessoa que o escreveu porque o que está ali é isso: a vivência de uma só pessoa. O endeusamento de um livro como “neutro” feito apenas para *guiar* (não é um livro de regras...) é algo que não cai muito bem para mim.⁷

⁵ INTERATA, Arnaldo. Opinião e disclaimer. Disponível em: <<http://interata.squarespace.com/>>. Acesso em: 06 set. 2012.

⁶ Disponível em: <<http://www.luciamalla.com/blog/>>

⁷ MALLA, Lucia. O “escândalo” do Lonely Planet. Disponível em: <<http://www.luciamalla.com/>>. Acesso em: mai. 2013.

É válido ressaltar que muitos dos blogueiros utilizam os serviços de agências de viagens e são leitores ávidos de guias turísticos. Na seção *Opinião e Disclaimer*, do *Fatos & Fotos de Viagens*, Arnaldo Interata refuta a dicotomia turistas e viajantes, remetendo às suas próprias experiências com pacotes turísticos para valorizar um modo individual de viajar.

Não faço distinção entre viajantes e turistas. Tampouco tenho preconceitos contra pacotes turísticos, excursões, cruzeiros marítimos, *resorts all inclusive* ou *campings*. Já experimentei todos. Posso afirmar que cada qual teve seu valor e representou etapa importante no meu estágio atual: preferência por viajar independentemente, não engessado e para destinos incomuns. O que **eu** acho importante é o **seu** jeito de viajar.⁸

A questão da autenticidade perde espaço para dar lugar à subjetividade. A viagem legítima não é aquela que cobra por um certo olhar de profundidade, um tempo mais lento, ou uma certa medida de interação com autóctones, a viagem boa é aquela que é boa para si, que respeita os ritmos e interesses do viajante e que lhe oferece uma experiência única, particular de vida. A autenticidade se desloca, nesse sentido, para a experiência pessoal e intransferível de um *self* que vivenciou uma experiência particular de mundo.

Os blogueiros tendem a valorizar a experiência pessoal, é por essa narrativa singular que ele se põe em busca. Para Ricoeur (apud BRUNER, 2005: 23) os turistas estão em busca de uma narrativa, uma história para contar e coisas para avistar. Narrar é valorizar um fato que se considera digno de alguma atenção, é validar a experiência vivida, dotando-a de relevância para o mundo. Schittine (2004, p.12) observa que a vaidade da “escrita do eu” em diários íntimos “era reprimida pelo próprio diarista, ou, quando externada, avaliada pelos outros como um sinal de puro exibicionismo”. Para a autora, o blog assume o pecado da vaidade, na medida em que a “escrita do eu” se torna francamente pública, com o princípio de que possa despertar o interesse e apreciação alheios. Calligaris (1998, p. 54) argumenta que mesmo na prática do ato autobiográfico em diários pessoais, o sujeito contemporâneo “encontra identidade e substancialidade no registro da celebridade”, isto é, o foro íntimo está sendo substituído pelo fórum da *pólis*. Para o autor, a própria biografia se constitui como gênero quando “a experiência de cada vida se organiza como uma narração”, ou seja, “quando a experiência de vida já é uma autobiografia, antes mesmo que seja escrita ou não” (CALLIGARIS: 1988, p. 48). Dessa maneira, na contemporaneidade, a enunciação, ou a premissa da existência de um sujeito enunciador, se sobrepõe ao conteúdo mesmo da mensagem. A sinceridade do sujeito que fala ou escreve ganha maior relevância do que a verdade objetiva e factual.

Nos espaços virtuais dos blogs conjugam-se, pois, a experiência da viagem e a experiência da narrativa. A viagem, que envolve partida e retorno, embora possa ser representada sob a forma de um círculo, compõe nos blogs a trajetória da biografia de um viajante. Conforme Calligaris (1988, p. 48), “se certamente sempre se escreveram histórias de vidas, por outro lado, a idéia de que a vida é uma história é moderna”. Esta concepção da vida como uma trajetória individual não é outra senão a apontada por Bourdieu (2006, p. 183), para quem, falar de história de vida é pressupor que uma vida “é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”. Bourdieu problematiza o relato autobiográfico argumentando que a narrativa confere sentido, linearidade e coerência aos acontecimentos fragmentários da vida. A

⁸ INTERATA, Arnaldo. Opinião e Disclaimer. Disponível em: < <http://interata.squarespace.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2013.

construção unidirecional dos relatos, com começo, meio e fim, produz o que o autor concebe como “ilusão biográfica”.

Estes blogs se inserem no contexto das sociedades complexas contemporâneas, em que a narrativa autobiográfica emerge como produtora de sentidos para experiências esparsas, vividas como escolhas autônomas e individuais em meio à multiplicidade dos campos de possibilidades da vida moderna (VELHO, 1997). Frente à heterogeneidade e intensidade das experiências, o individualismo se apresenta como saída para a provisão de sentido às vidas fragmentadas (id. *ibid.*). Giddens (apud DESFORGES: 2000, p.931) argumenta que, nas sociedades moderno-contemporâneas, uma vez que as identidades já não são mais impostas *a priori* pelas hierarquias sociais e pela tradição, o indivíduo encontra uma variedade de possibilidades de ser, e “as escolhas disponíveis na modernidade denotam que é tarefa do indivíduo manter um senso de continuidade sobre ‘quem eu sou’ e ‘como vou viver’”⁹. Os blogs são espaços propícios à construção dessa individualidade. Um blog é um “eu” no mundo. A própria viagem também já traz consigo a noção de trajetória, de percurso, própria do discurso autobiográfico.

A narrativa dos blogs de viagens constitui o substrato principal dessa pesquisa, em que procuro refletir sobre como os blogueiros engendram a construção de si enquanto sujeitos viajantes-narradores. Conforme Bruner (2005), a narrativa organiza as memórias e fornece sentido à viagem. Através dela, o turista refaz mentalmente seus trajetos e experiências. A narrativa é ordenadora, é por meio dela que sabemos como as pessoas interpretam as coisas (BRUNER, 2005: 20). Gonçalves (2012) ressalta como a construção de si implica uma ética e estética relativas ao ato mesmo de autorepresentar-se.:

é o narrador que, em última instância, decide o que é relevante ou não para ser tomado como fundamentação de sua narrativa, sobretudo o modo como organiza os eventos e o modo que se pronuncia sobre determinados fatos. Desloca-se, assim, o problema de querer apreender uma vida ou escrever uma vida para o modo como se constrói a narração(...). Se o processo narrativo sobre nós mesmos é uma construção, esta invenção produz uma ética e uma estética de nossa autonarrativa.

A construção de si enquanto viajante-narrador implica a prática da narração da vida de um indivíduo viajante, o que leva à produção de um sentido ético-estético em torno da viagem. O discurso evoca sentidos sobre um fazer, um ser e um produzir-se: o que faço (na viagem), o que sou (observador, mochileiro, experiente), o que a viagem produz em mim. A narração das experiências de viagens nos blogs tende a evocar o poder realizador e transformador das viagens. É por sua potência de transformar, seja através do conhecimento de mundo adquirido, da reflexão imposta pelo encontro com a diferença, ou das sensações e emoções que irrompem os sentidos e se somam às experiências de vida, que as viagens se tornam tão especiais para esses turistas-narradores. O discurso da viagem como experiência enriquecedora, que potencializa um tornar-se melhor e ocasiona o sentimento de felicidade, é compartilhado, e é ele que justifica a ênfase e a importância das viagens nas vidas desses blogueiros, muitos dos quais a tomam como um ideal de vida.

Viagem, felicidade e experiência

No Fatos & Fotos de Viagens, Arnaldo Interata se questiona “afinal, por que eu viajo?”, e o blogueiro responde à sua própria pergunta:

⁹ Tradução minha.

É claro que o fundamento disso tudo está mesmo no “gostar”, no ter prazer em viajar. Sem grandes pretensões filosóficas, só há uma coisa absolutamente certa para mim: toda vez que retorno de uma viagem percebo que tudo permanece igual, mas eu mesmo mudei. E talvez sejam precisamente estas mudanças - além, dos prazeres intrínsecos e naturais relacionados com o ato de viajar - que me motivam e impulsionam para a próxima.¹⁰

Os discursos de amor às viagens desses turistas-narradores relacionam-se com a potência que elas teriam de promover experiências que envolvem prazer, distanciamento, diferença e transformação. Do encontro com outros mundos resulta a expansão dos horizontes e o autoconhecimento. Esta concepção é também evocada por Arnaldo Interata quando fala do sentido que a viagem assume para si mesmo:

Para mim, viajar sempre esteve relacionado com **expandir horizontes** e **deslimitar consciência**, atender à minha personalidade curiosa e inquieta. Toda viagem é sempre um caminho para descobrir **um pouco** de alguma coisa, aprender **muito** sobre algumas coisas e encontrar **algo mais** em todas as coisas. Como resultado, toda viagem acaba sendo uma viagem a nós mesmos.

VIAGENS são sempre experiências de crescimento emocional, filosófico e espiritual. Me diga quem já retornou de uma viagem mais vazio do que partiu? Em **toda** viagem nos completamos a nós mesmos e abastecemos com alguns litros mais nosso tanque de amadurecimento. Cada viagem é como um pequeno passo, que ao final de tantas outras torna-se um grande salto em nossas vidas.¹¹

Para Graburn (1989) o turismo ocupa um lugar sagrado na vida moderna, lugar que se depreende da organização da vida em termos da alternância e oposição entre o ordinário e o extraordinário, situando o turismo no tempo extraordinário que faz a vida valer a pena. Para a sociedade ocidental, arraigada à ética do trabalho, as atividades do tempo livre e do tempo obrigado ganham contornos morais que caracterizam as ações como apropriadas ou não para cada momento. O turismo é uma atividade do tempo livre, ele aponta para uma quebra na rotina, para um distanciamento que proporciona alívio das obrigações cotidianas. Ele simboliza o movimento, por oposição à permanência; a livre-escolha, por oposição aos compromissos diários da vida obrigada; a diferença, no lugar da mesmice. É nesse sentido que Graburn confere ao turismo um aspecto ritual, comparando-o aos estudos antropológicos que se ocupam da relação sagrado/profano, a qual se constitui a partir de uma alternância entre o ordinário e o extraordinário. O turismo envolveria então o processo de transição para um momento extraordinário, “a sacralização que eleva os participantes a um estado extraordinário em que coisas maravilhosas acontecem, e o processo inverso de dessacralização ou retorno à vida ordinária” (GRABURN: 1989, p 24-5).

É curioso pensar sobre essa alternância entre ordinário/extraordinário no atual contexto de profissionalização vivido pelos blogueiros. Embora muitos blogs tenham sido criados sem grandes pretensões que não a de compartilhar histórias com parentes, amigos e desconhecidos, e parte dos

¹⁰ INTERATA, Arnaldo. Por que viajamos? O valor de uma viagem. Disponível em: < <http://interata.squarespace.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2013.

¹¹ INTERATA, Arnaldo. Por que viajamos? O valor de uma viagem. Disponível em: < <http://interata.squarespace.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2013.

blogueiros não demonstre interesse em transformar o blog em trabalho e fonte de renda, o movimento de profissionalização aponta para o blog como uma aposta, um investimento visionário, oportuno, em um mercado ainda não estabelecido no Brasil e que pode gerar frutos. Essa é uma aposta na possibilidade de viver de modo autônomo, de viagens e narrativas. Ambos o blog e a viagem estão associados à ideia de liberdade. No primeiro caso, a escrita do blog é livre porque não mediada por parceiros e anunciantes. Posts pagos podem ser ocasionais, para alguns dos blogueiros, desde que esta encomenda seja explicitada, mas o que realmente produz o blog é o texto livre, sobre experiências voluntárias, pagas com recursos próprios. É recorrente a afirmação da autonomia das viagens relatadas, uma vez que viagens pagas, financiadas ou revestidas de vantagens, produzem discursos comprometidos. A curiosa relação entre o movimento de profissionalização e o extraordinário da viagem é que o objetivo da profissionalização é também trazer a viagem para o cotidiano, e o blog é um meio para alcançar um ideal de viver de viagens, uma vida interessante, que acontece o tempo todo no âmbito do extraordinário.

A viagem é já vivenciada no dia-a-dia desses blogueiros. Ela se inicia muito antes da partida e não finda com o retorno. Não raro os blogueiros ressaltam o prazer envolvido no planejamento de viagens possíveis, como que este momento que antecede a partida fosse já parte significativa da experiência. É prática comum a elaboração de roteiros que poderão ou não se concretizar algum dia. O planejamento implica um processo imaginário que envolve uma primeira aproximação com o outro e a criação de expectativas sobre esse outro. Contudo, ele também assume um caráter um tanto prático, que busca o controle das circunstâncias adversas, a garantia de que os transtornos e contratemplos desnecessários possam ser evitados. Graburn (1989, p. 28) resalta que, para os ocidentais, os significados inscritos no turismo ultrapassam o deslocamento geográfico ou um certo estado simbolicamente alterado:

Para a sociedade ocidental, que valoriza o individualismo, a auto-confiança, e a ética do trabalho, o turismo é a *melhor* forma de vida porque ele é sagrado no sentido de ser excitante, renovador e auto-realizador. A viagem turística é um segmento de nossas vidas sobre o qual temos o máximo controle, e não é novidade que os turistas ficam desapontados quando suas escolhas e fantasias autoindulgentes não se realizam como planejado.

A elaboração prévia de roteiros racionaliza o tempo despendido em cada destino, para que esse tempo possa ser aproveitado, em vez de desperdiçado. De modo geral, as viagens turísticas são breves. Férias, feriados e finais de semana são os momentos de folga que potencialmente se convertem em viagens. Os blogueiros e seus leitores mostram-se, com frequência, preocupados com o equilíbrio entre o tempo disponível e a possibilidade de dar conta de conhecer minimamente o lugar, para garantir o conforto e a conveniência de uma viagem não tão apressada. Assim, a disponibilidade de tempo livre e de recursos são alguns dos fatores que limitam a permanência e preponderam na organização das viagens, determinando, muitas vezes, a inclusão ou exclusão de atrativos, cidades ou regiões no roteiro. Em um exemplo típico, os blogueiros do Sundaycooks, embora apresentem o roteiro por eles percorrido, enfatizam, no post intitulado “Quantos dias ficar no Peru?”, que o tempo necessário para conhecer Lima, Cusco, Valle Sagrado e Machu Picchu depende dos objetivos, do ritmo e do estilo de cada viajante, para que se possa alcançar o equilíbrio desejado. Contudo, ressaltam também que um

período inferior a dez dias seria insuficiente para “conhecer tudo com a calma e a qualidade necessárias para poder levar esta viagem para sempre em sua memória”¹².

Os turistas não querem permanecer apenas em trânsito, a viagem é formada principalmente pelas paragens, e nem tanto pelos deslocamentos entre um lugar e outro, especialmente se esses transcurtos forem empreendidos por via aérea. Por outro lado, em viagens mais dispendiosas como aquelas ao exterior, permanecer em um local onde “tudo” já foi ao menos uma vez experimentado, é limitar o campo de experiências, que poderia ser ampliado no rumo a outros lugares. Cada dia parece ser único, um tempo que se perde ou se ganha, que se aproveita ou desperdiça.

O tempo do turista é intenso e fugaz. O encontro com o lugar e sua atmosfera dão conta de impressões e experiências diversas, mas é preciso permanecer no lugar apenas tempo suficiente para não cansar-se dele. O esfriamento da relação com o lugar é a perda da intensidade, que adentra a monotonia do cotidiano. Sendo a permanência breve, o que permite que se faça o melhor proveito dela é o planejamento da viagem. O turista não dispõe de tempo para descobrir *in loco* aquilo que há para ser visto, visitado, experimentado. Suas pesquisas já foram feitas preliminarmente e, se não tudo, muito do que será visto, já fora previsto em um roteiro. Ao deixar esta tarefa para ser realizada durante o trajeto, o tempo é desperdiçado e os movimentos ficam limitados pela desinformação. Além disso, o turista que não se prepara sujeita-se a contratempos e adversidades desnecessários.

O planejamento racionaliza o lado prático da viagem justamente para que estas questões não aflorem durante o percurso. O imprevisível, contudo, é desejado, e é no conhecimento do mundo que se torna possível surpreender-se com ele. Aquilo que não se conhece, não tem sentido. Quando não há limites demarcando o universo de sentido, qualquer acontecimento se torna possível, não há o imprevisível. E, se por um lado, tudo é possível, por outro, provavelmente pouco será compreendido. Monumentos, casas, músicas, cores, fluxos, passam despercebidos, e a experiência é esvaziada pela lacuna no conhecimento. O que permite a emoção da viagem é, em alguma medida, a sua racionalização, pois é o plano que potencializa a abertura para o inesperado, para a experiência e para o sentido. Em um *post* dedicado ao tema do planejamento, Arnaldo Interata afirma:

ESTOU certo de que quanto maior o planejamento maior será a espontaneidade durante a viagem. Quanto mais nos prepararmos, melhor enfrentaremos o inesperado. (...)

Pode parecer estranho, mas viagens são como a vida: precisamos ter um "alvo", ainda que não seja preciso nos concentrarmos exclusivamente nele durante todo o tempo. Nossas vidas, assim como nossas viagens - por mais planejadas e orientadas que sejam - são uma natural sucessão de fatos e acontecimentos ocasionais, imprevisíveis, supervenientes, aguardados, previsíveis, que podem ou não ter qualquer relação entre si.

A racionalização não implica o acorrentamento da viagem, tampouco a viagem se desenrola como atualização da imagem pré-concebida de um percurso. A viagem não é tomada como o produto acabado de uma imagem mental ou ideal, mas como processo, do qual o planejamento toma parte. Priorizando o processo sobre a forma final, Ingold (2011, p. 6) sugere que a produção seja compreendida intransitivamente e não “como uma relação transitiva de imagem a objeto”, na medida em que “concebido como o movimento atento de um ser consciente, engajado nas tarefas da vida, o

¹² SOARES, Natalie. Quantos dias ficar no Peru? In: Sundaycooks. Disponível em: < <http://sundaycooks.com/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

processo produtivo não está confinado nas finalidades de nenhum projeto particular”. De modo semelhante, não é o resultado final traduzido na objetificação de um plano que interessa aos blogueiros, mas o fazer que se constrói ao longo do percurso por meio de experiências tomadas como significativas, estejam elas previstas ou não para acontecer. Ainda, o próprio processo de planejamento é valorizado enquanto experiência, experiência essa de tal ordem que permite a antecipação de outras experiências. Um “viajar” na viagem de outros que relataram suas aventuras e um “viajar” em uma possível viagem para si mesmo. A viagem não começa na partida, mas no planejamento, que é também imaginação.

Bibliografia

BOORSTIN, Daniel J. **The image**: a guide to pseudo-events in America. New York: Vintage, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.

BRUNER, Edward M. **Culture on tour**: ethnographies of travel. Chicago; London: University of Chicago Press, 2005.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1988.

CLIFFORD, J. (2000), Culturas viajantes, in A. A. Arantes (org.), **O espaço da diferença**, Campinas, Papirus.

DESFORGES, Luke. **Travelling the world**: identity and travel biography. *Annals of Tourism Research*, v. 27, n. 4, 2000.

GONÇALVES, Marco. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (orgs.). **Etnobiografia**: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

GRABURN, Nelson H. Tourism: the sacred journey. In: SMITH, Valene. **Hosts and Guests**: the anthropology of tourism. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

INGOLD, Tim. **Being alive**: essays on movement, knowledge and description. Routledge: London; New York, 2011.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VAN DEN BERGHE, P. **The quest for the other**: ethnic tourism in San Cristóbal, Mexico. Seattle/Londres: University of Washington Press, 1994.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.